

Camila de Queiroz Leite

Delinqüência e Violência Entre Adolescentes de Classe
Média de Brasília

Monografia apresentada para a conclusão do Curso de Psicologia na Faculdade de Ciências da Saúde – FACS do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Psicólogo. Professor Orientador: Hiran Mario Valdes Casal

Brasília, 17 de Junho de 2004

Dedico essas páginas a minha família por ser sempre tão presente em minha vida - meus irmãos Rodrigo e Felipe, minha sobrinha Anna Beatriz, minha cunhada Ana Paula, minha mãe Jacira e especialmente ao meu pai George, por me servir de fonte de inspiração na escolha do tema, pelo apoio durante a confecção do trabalho e pelas horas perdidas me auxiliando na formatação e correção textual de cada página desta Monografia.

SUMÁRIO

1.Introdução.....	04
1.2.Justificativa.....	06
1.3. Objetivo.....	07
2. Fundamentação Teórica.....	08
3. Metodologia.....	18
4. Análise de Resultados e Discussão.....	21
5. Considerações Finais.....	33
6. Referências Bibliográficas.....	37
7. Anexos.....	38

Resumo

O presente trabalho se propõe a fazer um estudo sobre a questão da criminalidade entre adolescentes de classe média de Brasília em todos os seus aspectos. Trata-se de uma pesquisa que busca informações sobre as principais motivações que levam o jovem a delinquir. Para tanto, foram feitas entrevistas com jovens que cometeram delitos e com autoridades, buscando respostas concretas quanto às atividades delituosas normalmente cometidas, procurando elucidar a razão da violência entre jovens que usufruem condições financeiras privilegiadas, com acesso à educação, à saúde e à cultura. Devido às características biopsicossociais, o jovem tende a passar com rapidez excessiva do pensamento ao ato, apresentando maior tendência de descarregar seus impulsos de forma mais direta e agressiva.

Introdução

“Nossos adolescentes atuais parecem amar o luxo. Têm maus modos e desprezam a autoridade. São desrespeitosos com os adultos e passam o tempo vagando nas praças... São propensos a ofender seus pais, monopolizam a conversa quando estão em companhia de outras pessoas mais velhas; comem com voracidade e tiranizam seus mestres.”

Sócrates (Século V aC.)

Este trabalho tem como inspiração a angústia e a ansiedade que tomam conta das pessoas comuns frente às inúmeras formas de manifestação de violência da sociedade contra o adolescente e deste contra o seu meio social. Múltiplos são os fatores causais dessa interação intensa e traumática, onde nem sempre as ações violentas acontecem de forma intencional e premeditada. No entanto, a intensidade e a continuidade desse processo – e até mesmo sua imprevisibilidade – acabam por desencadear uma tensão constante que desestabiliza a qualidade das inter-relações sociais entre os jovens.

Durante o período de transição para a vida adulta o adolescente está psicologicamente vulnerável e susceptível às diversas influências do meio no qual está imerso, principalmente aquelas de natureza social, ética, moral, política e econômica, dentre outras. Em uma cultura enfraquecida de modelos identificatórios adequados, que banaliza, de forma generalizada, a violência, corre-se o risco de transformá-la em um valor a ser incorporado, validando-a como se representasse um comportamento positivo a ser imitado. Acarreta, ainda, mesmo de forma inconsciente, condições para que a violência física e moral se transforme num elemento de afirmação do jovem dentro dessa visão deturpada. Afinal, vive-se em uma sociedade turbulenta e enfraquecida de parâmetros adequados. Apesar do grande avanço tecnológico, existe um clima de violência digna do homem primitivo. A mídia mostra diariamente suas mais diversas formas, constatando que os jovens são, a um só tempo, algozes e vítimas, envolvidos num ambiente social que sofre com a perda da noção de limites, cada vez menos conscientes de suas contradições e valores.

Existe grande dificuldade dos pais em lidar com o adolescente, em aceitar com naturalidade o crescimento da criança e as primeiras manifestações da personalidade juvenil, quando ela passa a ter vontade própria. Além disso, o confronto latente com os mais velhos costuma provocar uma verdadeira revolução no meio familiar e social, acarretando conflitos nem sempre bem resolvidos. A incompreensão e a rejeição se encontram, muitas vezes, mascaradas pela concessão de excessiva liberdade, que o adolescente vive como abandono. E, na realidade, é exatamente isso, existe uma relação marcada pela falta de afetividade e os pais compensam essa falta de afeto sendo permissivos e generosos, o que não é o suficiente para dar continente às necessidades jovem para que ele se desenvolva de forma saudável.

Analisando a situação atual da sociedade brasileira e do mundo globalizado, é possível constatar-se uma maior disposição dos jovens para a delinquência. Existe, em alguns momentos, um grande vazio existencial que pode levá-los ao cometimento de atos criminosos, mesmo sem nenhuma causa aparente. Nessa linha de raciocínio, um adolescente delinqüente também é vítima: vítima de uma cultura incapaz de suprir as carências e as necessidades mínimas de um ser em desenvolvimento, acabando por conduzi-lo à criminalidade ou a outras atitudes circunstanciais que podem gerar conseqüências graves para o resto da vida.

É possível verificar essa realidade cruel acompanhando telejornais, jornais, revistas, o noticiário da mídia em geral, enfim. A todo momento vem à tona a questão da delinquência juvenil; não apenas adolescentes pobres e revoltados com essa condição, mas envolvendo, também, jovens da classe média alta, sem razão aparente para cometerem crimes. Daí o motivo de tanta inquietação nesses tempos conturbados. A sociedade acaba patrocinando a violência entre os jovens. Essa questão precisa ser melhor analisada e avaliada para que se torne possível solucionar essa doença social, que está se tornando verdadeiramente epidêmica.

Não há como negar que as características da sociedade contemporânea, essencialmente competitiva e estimuladora da violência, exercem forte influência sobre os jovens, contribuindo decisivamente para o incremento que se vê atualmente dos quadros sociopáticos. Sendo os adolescentes particularmente suscetíveis a esses estímulos, pela

disposição de “atuar” inerente a esse momento evolutivo, naturalmente entre eles haverá maior incidência relativa de ações delinquentes. No entanto, observa-se que, na maioria dos casos, os adolescentes que apresentam conduta delitiva nessa fase não evoluem da mesma maneira quando atingem a idade adulta.

Muitas são as causas que podem levar o jovem de classe média a delinquir. Há todo um contexto a ser analisado antes de concluir se a conduta violenta do adolescente é normal ou patológica, pois, como dito anteriormente, a linha divisória entre esses dois estados, pelo menos nessa fase, é muito tênue e merece ser vista com muita cautela. É importante lembrar que, no Brasil, o adolescente de dezoito anos responde criminalmente como adulto. Este é um dado altamente relevante, levando-se em consideração os aspectos analisados neste trabalho.

1.2 - Justificativa

A justificativa para o presente estudo se traduz na tentativa de desmitificar as razões comumente encontradas para as ações delituosas de jovens de classe média alta, buscando proporcionar uma orientação adequada aos pais, educadores e curadores, mediante o estudo das causas que favorecem a entrada do adolescente no mundo da delinquência, além de mostrar que a violência, em sua expressão atual, está inserida em todos os estratos sociais e não somente na miséria, como antes se pensava. Portanto, trabalhou-se buscando respostas para a questão da criminalidade entre adolescentes de classe média no Distrito Federal, estabelecendo seu perfil, verificando quais os crimes comumente praticados e suas causas prováveis, dentre outros aspectos relevantes.

Para tanto, proceder-se-á a um levantamento na busca de respostas concretas quanto às atividades delituosas normalmente cometidas, procurando elucidar a razão da violência entre jovens que usufruem condições financeiras privilegiadas, com acesso à educação, à saúde, à cultura; enfim, com todas as possibilidades de ascensão social. Trata-se, sem dúvida alguma, de uma classe de pessoas situada na topo da pirâmide social, com elevado destaque no contexto nacional mas que carregam o estigma de serem violentos e criadores de confusão, pois em todo país os adolescentes do Distrito Federal tem essa fama.

1.3 Objetivo

O objetivo principal é estabelecer algumas das motivações que levam os adolescentes da classe média alta brasiliense à criminalidade.

Fundamentação Teórica

“Que os jovens modifiquem a sociedade e ensinem aos adultos a verem o mundo com olhos novos, mas onde houver o desafio de uma moça ou de um rapaz em crescimento, que haja um adulto para aceitar o desafio, embora não seja agradável necessariamente.”

Winnicott

Quando se trata de adolescentes, não é difícil pensar em filmes com os quais se identificam pelo conteúdo trabalhado. Segundo o psicanalista francês Jean-Jacques Rassial, dois filmes completamente diferentes tocaram em pontos essenciais para que obtivessem sucesso entre o público juvenil: *Imensidão Azul* e *Sociedade dos Poetas Mortos*, porque tratavam das questões comumente levantadas e propõem respostas aceitáveis para eles.

O tema de *Imensidão Azul* aborda o gozo não sexual. Na busca do prazer, pelo gozo das boas coisas da vida, até mesmo a relação com o sexo oposto, cuja atração remonta à infância, pode ser sacrificada. Avizinhar-se com a morte, tentar ir além do possível, o gosto pelas situações extremas e a aceitação do risco, que tanto atemorizam o adulto, são características próprias dos adolescentes retratados nesse filme. Infringir leis naturais ou sociais usando tóxicos, fazendo incursão na delinquência ou mesmo procurando no suicídio a saída para suas angústias existenciais, além de outros comportamentos assemelhados, parecem ser comuns na adolescência.

No filme *Sociedade dos Poetas Mortos*, um professor traduz na expressão “*carpe diem*” sua tentativa de motivar os jovens estudantes, pressionando-os ao pensar e ao agir, como devem fazê-lo a todo momento durante sua vida, uma vez chegado o tempo da promessa puberária. Ele pode parecer derrisório quando, diante da angústia experimentada pelos jovens discípulos, pela necessidade de crescer e da revolta contra as obrigações da família e da escola, propõe-lhes a alternativa de verem o mundo com outros olhos. Aqueles que compreendem a lição o suficiente para amar o professor, procuram imitá-lo, buscando

refúgio contras as pressões sociais refugiando-se numa gruta, que nada mais é do que um buraco, um local profundo, de óbvia conotação metafórica.¹

Rassial levanta a seguinte questão: a sociedade sabe ouvir as demandas do adolescente? Como psicanalista, o próprio autor admite que, mesmo na psicanálise, os estudos sobre adolescentes permaneceram por muito tempo marginalizados, embora muitos dos pacientes de Freud fossem, se não adolescentes, pelo menos, adultos muito jovens. Isso só vem a reforçar a idéia de que o adolescente não tem ainda um espaço próprio na coletividade.

Um dos desafios mais angustiantes da adolescência é a estruturação da identidade, que, como a própria expressão identifica, se acomoda pelas identificações: inicialmente com a mãe, depois com o pai, seguidos de outros elementos da família, professores, amigos, ídolos do esporte, do cinema, da música, da televisão e, finalmente, de outras pessoas comuns com as quais o jovem se relaciona. O psicanalista José Ottoni Outeiral, além da identificação com os pais e a família, chama a atenção para os seguintes elementos que considera relevantes na construção da identidade:

- O grupo de adolescentes é um dos mais importantes para a busca de identificação. Esta ocorre com aspectos parciais de um ou outro amigo na figura de um “líder” da turma. O grupo oferece situações variadas que são necessárias para o amadurecimento do jovem. As características dos amigos ou do grupo que o adolescente busca servem para orientar a respeito de suas demandas e dificuldades. Por exemplo, quando troca seu grupo por outro com características negativas, verifica-se um indicador de problemas do próprio adolescente, que passa a merecer mais atenção;
- Personagens de grupos musicais, atletas e astros de cinema ou televisão constituem também importantes elementos para identificação. Os adolescentes experimentam, às vezes, uma interação tão maciça com personalidades desse grupo que procuram assumir sua identidade: passam a falar e a vestir como eles, adquirem seus trejeitos e passam a agir de forma semelhante. Isso se constitui um problema para os adultos, que passam a ter

¹RASSIAL, Jean-Jacques – **O adolescente e o psicanalista**. Rio : 1999. Companhia de Freud Editora, p. 11..

dentro de casa um roqueiro *heavy metal* ou uma histriônica adolescente de novela de televisão;

- Os professores também são pessoas importantes nesse processo, com participação importante no desenvolvimento do jovem. A maioria dos adultos é capaz de lembrar professores importantes com os quais se identificou e, com a mesma intensidade, lembra também daqueles que, pelas características negativas, inspiraram comportamento diametralmente oposto.²

Na busca da identidade, o adolescente apresenta vulnerabilidade especial para assimilar impactos projetivos de pais, irmãos, amigos e das pessoas em geral. Torna-se receptáculo propício dos conflitos alheios, assumindo os aspectos mais doentios do meio em que vive. Isto é o que se percebe atualmente: a sociedade projeta suas próprias falhas nos chamados excessos da juventude, responsabilizando-os pela delinqüência, pela adesão às drogas, pela prostituição e por outras formas de comportamento indesejável.

De acordo com a Organização Mundial de Saúde, a adolescência se constitui de duas fases: a primeira situa-se entre dez aos dezesseis anos; a segunda, entre dezesseis e vinte anos. Contudo, estabelecer a idade exata para começo e fim da adolescência pode ser temeridade arbitrária, pois é relativamente fácil encontrar adolescentes fora dessa faixa etária.

Estudiosos afirmam que, atualmente, a adolescência é um processo que tem se prolongado; ou seja, os jovens de hoje levam muito mais tempo para atingir a maturidade de um adulto.

Segundo o magistério de Luiz Carlos Osório, os elementos mais universais que possibilitam assinalar o término dessa fase são:

- Afirmação de uma identidade sexual e a possibilidade de estabelecer relações afetivas estáveis;

²OUTEIRAL, José Ottoni. **Adolescer**. São Paulo : 1994. Ed. Artes Médicas, p. 72.

- Capacidade de assumir compromissos profissionais e manter independência econômica;
- Aquisição de um sistema de valores pessoais;
- Relação de reciprocidade com a geração precedente, sobretudo com os pais³.

Em relação à idade biológica, esse fenômeno, na classe média brasileira, ocorre normalmente na faixa etária dos vinte e cinco anos, com variações para mais ou para menos, conforme as condições sócio-econômicas da família.

De acordo com Leviski, a questão é que, perante a sociedade, o jovem pode ser considerado legalmente adulto, mas economicamente não o é, o que dificulta sua real emancipação. Muitas vezes, desejoso de constituir seu próprio núcleo familiar, o jovem se vê tolhido pela dependência econômica, pois ainda não concluiu seus estudos, ou o que ganha não é o suficiente para manter a uma família. Muitos se casam e vivenciam uma relação de dependência com os pais, os quais, por sua vez, sentem-se com titulares do direito sagrado de interferir, mesmo negativamente, na vida do jovem casal.⁴

Ainda segundo o citado autor, pode-se inferir que, quanto mais complexa a sociedade, maiores serão os pré-requisitos necessários para o jovem se integrar na vida adulta, havendo cada vez mais um prolongamento desse processo de transição. É comum deparar-se com indivíduos que vivem o processo de adolescência de forma extremamente curta e outros que o protelam indefinidamente. Os primeiros – basicamente em decorrência de contingências sócio-econômicas – se vêem precocemente mergulhados na vida adulta, sem tempo suficiente para a elaboração e o amadurecimento dos conflitos próprios dessa transição. A passagem rápida por essa fase limita o jovem em suas vivências, desvinculando-os do peso de certas responsabilidades, que não lhe permitem errar, fracassar, reformular, questionar ou duvidar. Sua preocupação básica passa a ser a sobrevivência e isto o coloca em posição de inferioridade em relação às possibilidades de sucesso e oportunidades, frente a outros jovens da mesma faixa etária que usufruem outras condições sócio-culturais.

³OSÓRIO, Luiz Carlos, **Adolescente hoje**. Porto Alegre : 1992. Ed. Artes Médicas, p. 12.

O outro extremo caracteriza os “adolescentes profissionais”: indivíduos cronologicamente adultos mas cuja adolescência se estende, mantendo indefinidamente o estado de dependência, geralmente de natureza afetiva e econômica. O fator sócio-cultural também está presente, dando condições para que esse jovem, geralmente de família abastada, não assuma responsabilidades pessoais e comunitárias. O respaldo familiar se incumbirá de protegê-lo durante sua longa maturação.⁵

Para introduzir a questão da delinquência, Rassial afirma que essa patologia, específica da adolescência, é tanto uma patologia da sociedade – em seu conjunto – quanto de um ou outro sujeito particular. O delinqüente é contra a natureza própria das coisas, isto é, desaloja as coisas do lugar que lhe é atribuído pela sociedade.⁶

O Direito hodierno distingue o cidadão baseado apenas na maioridade e na menoridade, desconsiderando todo e qualquer aspecto que não seja a idade biológica. Ignora, inclusive, a especificidade do adolescente, que não é completamente criança nem completamente adulto: é um ser em formação, com demandas próprias, cujo comportamento oscila entre a responsabilidade e a irresponsabilidade, assumindo atitudes conseqüentes ou inconseqüentes, e assim por diante.

Observando a total falta de espaço para o adolescente na sociedade, Rassial identifica uma característica específica da delinquência juvenil: “na mudança de lugar, na produção de um outro espaço cotidiano onde o sujeito adolescente não tem lugar simbolizado.”⁷ Ou seja, tem-se aí, na passagem da infância para a vida adulta, um ser assujeitado, que não encontra lugar certo na sociedade e, com base nessa exclusão, torna-se fragilizado, à deriva de um desejo sem referência.

Diante da ausência de posição na organização social, o adolescente, mesmo que seja somente por um tempo, pode chegar a denunciar uma ausência de fundamentos nas

⁴LEVISKY, David Leo, Desenvolvimento Psicossocial do Adolescente, in **Clínica psicanalítica de crianças e adolescentes – desenvolvimento, psicopatologia e tratamento**, Organizador José Ottoni Outeiral. Rio : 1998. Ed. Revinter, p. 90.

⁵ *Ib, ibidem.*

⁶RASSIAL, Jean-Jacques – **O adolescente e o psicanalista**. Companhia de Freud Editora. Rio : 1999, p. 55.

⁷RASSIAL, Jean-Jacques, *in op. cit.*, p. 61

regras sociais. Nesse contexto, portanto, o ato delinqüente é, antes de qualquer outra coisa, uma tentativa de inventar um novo espaço com outras regras.

Justamente a partir da percepção desse não espaço e do confronto com a necessidade de assumir novos papéis e ocupar um lugar na comunidade, a psicanalista Maria Cristina Carvalho e Silva afirma que o adolescente poderá formular algo da ordem de uma não-aceitação ou recusa de ingressar nessa comunidade; de compartilhar suas regras e de submeter-se aos limites por ela impostos. Essa recusa pode levá-lo a trilhar caminhos que vão desde o engajamento na busca de utopias místicas, políticas ou intelectuais, até a formação de fraternidades, bandos, gangues e, finalmente, a realização de atos criminosos. Pela via dos atos delinqüentes, a dimensão da alteridade poderá se desvanecer e os limites aí colocados serão testados e desafiados.

O ato delinqüente marcará portanto, uma relação particular com a lei, com a regra e as relações sociais. Pode-se dizer que o delinqüente articula algo da ordem de uma recusa, de uma não-aceitação do limite e, conseqüentemente, da lei.⁸

De acordo com Levisky, o jovem busca modelos para se identificar e, nessa busca, encontra outros jovens que, assim como ele, estão à procura de algo. No grupo há uniformidade: vestem-se de forma parecida, usam a mesma linguagem, fumam, bebem, e chegam até a consumir alguma droga, geralmente maconha. Nesse contexto, uns se parecem com os outros e nisso se confortam, além de poder dar vazão a seus impulsos sexuais e agressivos, tendo ainda a oportunidade de expandir seu horizonte intelectual e social.⁹

O autor afirma que o jovem busca em seus novos modelos algo diferente. O quê exatamente ele não sabe, mas precisa ser algo novo. Tudo aquilo que for representativo dos modelos parentais fica abalado como valor personificado, ainda que temporariamente. Aparentemente, um de seus objetivos inconscientes é fazer algo que os diferencie de seus pais e desta forma agredi-los; assim é possível exibir a si mesmo sua contestação ao velho.

⁸SILVA, Maria Cristina Carvalho. **Ato delinqüente e adolescência, vicissitudes de uma travesaia**, in **Adolescência: entre o passado e o futuro**. Porto Alegre : 1999, Ed. Artes e Ofício, p. 244/245.

⁹LEVISKY, David Leo, **Desenvolvimento Psicossocial do Adolescente**, in **Clínica psicanalítica de crianças e adolescentes – desenvolvimento, psicopatologia e tratamento**, Organizador José Ottoni Outeiral. Rio : 1998. Ed. Revinter p. 102/104.

Em relação ao abuso de drogas, afirma Rassial: “Quando interrogamos toxicômanos sobre suas motivações do início, uma grande maioria responde: “por curiosidade”; a segunda motivação: “busca de evasão”, tornando-se esse motivo o principal, além naturalmente do estado de dependência que se desenvolve. Como na delinquência, com a qual está freqüentemente associada, a toxicomania é justificada pelo adolescente em nome de uma recusa da situação que lhe é criada, como modo de evasão de um mundo fechado [...]”¹⁰

São vários os aspectos que podem levar o adolescente a usar drogas e, dentro desses aspectos, têm-se as questões sociais e de consumo, pois existem as drogas lícitas, que têm seu uso não apenas liberado, mas, também, estimulado pela sociedade. É o caso do álcool e do tabaco, que causam grandes males a saúde, sobretudo o primeiro, mas que têm uma imagem positiva transmitida eficazmente pelos meios de comunicação, não só em propagandas, mas também através do *merchandising* em novelas e filmes, geralmente, associados ao *glamour* à beleza, à sedução, ao sucesso e à riqueza.

Outeiral afirma que, nesse contexto, o jovem, na busca de valores para construir uma identidade e meios para atingir o sucesso, é presa fácil da manipulação da mídia e da própria sociedade. Além, é claro, dos aspectos próprios do adolescente, que vivencia sentimento de solidão capaz de produzir um vazio interno, levando-o a buscar algo que alivie sua angústia existencial e a sensação de vazio.¹¹ O mesmo autor ainda levanta algumas características comportamentais da personalidade do adolescente com tendências a desenvolver toxicomania:

1) grupo familiar e social propício ao desenvolvimento do problema com a utilização manifesta ou latente de uma conduta indutora ao uso do tóxico;

2) características de personalidade tais como: impulsividade, sentimento de solidão que produz um “vazio interno”, voracidade exacerbada, dificuldade em postergar as satisfações e tolerar frustrações, predomínio da ação sobre a capacidade de pensar, e, finalmente, atitudes auto-destrutivas;

¹⁰RASSIAL, Jean-Jacques, op. cit. p. 55.

¹¹OUTEIRAL, José Ottoni. **Adolescer**, Artes Médicas – São Paulo : 1994, p.43/44.

3) busca de um grupo de adolescentes com características parecidas;

4) dificuldades escolares (de conduta e de aprendizado)

Os adolescentes ainda podem ser caracterizados em:

- 1) **Provadores:** aqueles que fazem experiências eventuais por curiosidade, para experimentar sensações novas ou por coerção grupal. Não seguem o uso sistemático;
- 2) **Toxicômanos:** aqueles que usam drogas de maneira compulsiva e sistemática, desenvolvendo dependência física e/ou psicológica.¹²

Pagnoncelli e Osório (1987) sugerem os seguintes aspectos para avaliar o risco de um adolescente se tornar ou não um viciado em drogas:

Características Favoráveis:

- 1) o adolescente que faz uso do tóxico pela primeira vez a convite ou em companhia de companheiro(a) da mesma idade;
- 2) adolescente que fuma exclusivamente maconha, só eventualmente experimentou ingestão de tranquilizantes ou estimulantes e nunca fez uso de drogas por via injetável;
- 3) adolescente cujos hábitos ou interesses coincidem em linhas gerais aos de seu grupo etário;
- 4) adolescente que não evidencia quebra de seu rendimento intelectual e mantém ativo seu interesse pelo mundo que o cerca;

¹²OUTEIRAL, José Ottoni. Op. cit. p.45.

5) adolescente que mantém qualquer atividade física ou esportiva, principalmente sistemática.

Características desfavoráveis:

- 1) adolescente que faz uso do tóxico pela primeira vez sozinho ou em companhia de um adulto, traficante ou não;
- 2) adolescente que começou fumando maconha e passou em seguida para o uso de drogas por via oral seguida de injetável;
- 3) adolescente cujo modo de pensar ou agir parece bizarro mesmo para seu grupo etário;
- 4) adolescente que passa a revelar um progressivo desinteresse pelo que ocorre no ambiente ao seu redor;
- 5) adolescente que deixou de praticar esportes quando antes o fazia, ainda que não sistematicamente.¹³

Outro risco relacionado com o consumo de substâncias entorpecentes, levantado pelo psicanalista Adonay Genovese Filho, é o de suicídio, pois o uso de drogas é um de seus fatores de risco. São indivíduos que cometem agressões contra o próprio corpo, ao utilizarem tóxicos, sendo, portanto, uma forma particular de tentativa de suicídio.¹⁴

Para concluir esta etapa do trabalho, cita-se o texto escrito por Aristóteles a respeito dos adolescentes, retirado do livro de Peter Blos.¹⁵

¹³ PAGNONCELLI e OSÓRIO *apud* OUTEIRAL, José Ottoni. **Adolescer**, Artes Médicas – São Paulo : 1994, p. 45-46.

¹⁴ GENOVESE FILHO, Adonay. Suicídio e tentativa de suicídio na adolescência, *in* **Clínica psicanalítica de crianças e adolescentes – desenvolvimento, psicopatologia e tratamento**. Organizador José Ottoni Outeiral. Rio : 1998. Ed. Revinter p.1998, p.183.

¹⁵ ARISTÓTELES, *apud* Peter Blos, *in* **Transição adolescente - questões desenvolvimentais**. Ed. Artes Médicas, Porto Alegre : 1996, p. 12.

“O homem jovem tem fortes paixões e tende a gratificá-las indiscriminadamente. Dentre os desejos físicos, são os sexuais que predominam e pelos quais eles demonstram a ausência de autocontrole. Eles são mutáveis e inconstantes em seus desejos, que são violentos enquanto duram, mas logo terminam... o mau humor freqüentemente predomina, por dever a seu amor, sua honra, eles não suportam ser desprezados e ficam indignados se imaginam a si próprios maltratados. Enquanto eles amam a honra, eles amam a vitória ainda mais: os jovens são ansiosos por ter superioridade em relação aos outros, e a vitória é uma forma de superioridade. Eles vivem principalmente não de memória, mas de expectativas; como expectativa me refiro ao futuro, memória do passado e o fato de um jovem ter um longo futuro a sua frente e um curto passado atrás de si....Seu temperamento acalorado e a disposição confiante torna-os mais corajosos que os homens mais velhos: o temperamento acalorado evita o medo e a disposição acalorada cria confiança: não podemos sentir medo por tanto tempo quanto sentimos raiva, e qualquer expectativa de uma coisa boa os faz sentir confiança [...] Eles têm noções exaltadas porque ainda não foram humilhados pela vida, ou aprenderam suas limitações; além disso, sua disposição calorosa os faz sentirem-se grandiosos e os faz ter noções exaltadas. Eles são apaixonados por seus amigos mais íntimos e companheiros do que pelas pessoas mais velhas, porque eles gostam de passar os dias na companhia de outras pessoas. Todos os seus erros são no sentido de fazer coisas excessivas e impetuosamente. Eles amam e odeia intensamente, eles pensam que sabem tudo e são muito seguros de tudo, essa, na verdade, é a razão pela qual eles se excedem em tudo. Se eles prejudicam os outros, é porque eles querem insultá-los, e não prejudicá-los... Eles adoram o divertimento e o bom humor [...].”

Metodologia

Para atingir o objetivo proposto tornou-se imprescindível auscultar o pensamento mediano dos adolescentes, por meio de entrevistas pessoais, especialmente aqueles que se envolveram em ações violentas, perquirindo os motivos que os levaram a transbordar os limites impostos pela sociedade. Como muitos deles se encontram atualmente cumprindo penas no sistema penitenciário da Papuda, a autora teve que solicitar autorização especial do Juiz da Vara de Execuções Criminais de Brasília, Doutor Nelson Ferreira Júnior. Foram entrevistados dez jovens¹⁶ que cometeram diferentes tipos de crimes, a saber:

2- Leonardo, com 19 anos no dia que cometeu homicídio, junto com amigos e hoje com 26 anos;

3- Adriano, com 18 anos ao cometer homicídio, junto com amigos, e, atualmente, com 29 anos;

4- Marcos, com 19 anos ao matar outro jovem, junto como amigos, e, atualmente, com 26 anos;

5- Felipe, com 20 anos ao cometer um homicídio na companhia de amigos, e, atualmente, com 30 anos;

6- Renato, com 20 anos ao matar outro jovem em uma briga de boate, e, atualmente, com 25 anos;

7- Paulo tinha 18 anos e estava junto de Renato quando ambos brigaram com outro jovem na saída de uma boate, matando-o a pancadas. Conta, hoje, com 22 anos;

¹⁶ Os nomes dos entrevistados foram modificados para preservar a identidade daqueles que foram os maiores colaboradores deste trabalho.

8- Pedro tinha 19 anos quando começou traficar tóxicos, tendo, atualmente, 20 anos;

9- Luís tinha 14 anos ao iniciar o consumo de entorpecentes, está hoje com 24 anos;

10- Gustavo tinha 17 anos ao começar a usar tóxicos e, hoje, conta 22 anos;

11- Ricardo tinha 16 anos ao iniciar-se no uso de tóxicos, tendo, hoje 18 anos.

Além dos jovens delinquentes, foram entrevistadas, ainda, várias pessoas ligadas à repressão criminal e ao sistema penitenciário e correccional de adolescentes, destacando-se as seguintes pessoas: Doutora Eneida Orbage Taquary, titular da 9ª Delegacia de Polícia do Distrito Federal, Doutora Iolete , Delegada de Polícia e Diretora do Centro de Atendimento Juvenil Especializado – CAJE e Ribamar Fonseca, Agente de Polícia Civil responsável pelo controle estatístico do Complexo Penitenciário da Papuda.

Os instrumentos utilizados na realização e fundamentação teórica do trabalho consistiram, principalmente, na pesquisa doutrinária e nas entrevistas pessoais, as quais foram conduzidas de maneira não diretiva, permitindo aos entrevistados expressarem-se livremente. Não foi, portanto, uma simples conversação, dela distinguindo-se de devido ao objetivo principal de coleta de dados¹⁷. Objetivou-se, assim, obter uma visão geral do problema pesquisado, junto com a identificação de alguns aspectos da personalidade dos entrevistados.

A entrevista com a titular da 9ª Delegacia de Polícia ocorreu nas dependências da própria Delegacia do Lago Norte, assim como a entrevista com a Diretora do Centro de Atendimento Juvenil Especializado – CAJE efetivou-se na própria instituição; a do Agente da Policia Civil foi feita por meio de telefone. Quatro jovens presos pelos crimes

¹⁷GIL, Antonio Carlos – **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. Editora Atlas, São Paulo: 1999, p.119 .

cometidos, foram entrevistados no interior do Centro de Internamento e Reeducação – CIR e no Centro de Progressão Penitenciária – CPP, ou seja, no próprio presídio onde cumprem penas. Dois outros foram entrevistados no local onde trabalham, com autorização judicial, embora estejam no regime prisional fechado e pernoitem na Papuda. Outro, único que concordou na gravação da entrevista, atualmente se encontra em livramento condicional, foi ouvido numa sala do Tribunal de Justiça do Distrito. Os demais nunca foram presos mas consomem substâncias entorpecentes, sendo ouvidos no colégio onde estudam.

Análise de Resultados e Discussão

“Gostaria que não existisse idade alguma entre dezesseis e vinte e três anos, ou que os jovens dormissem todo esse tempo; pois nada existe nesse meio tempo senão promiscuidade com crianças, ultrajes com os anciãos, roubos e brigas.”

William Sheakespeare em Um Conto de Verão.

A questão foco deste trabalho é o aumento da criminalidade entre adolescentes da classe média de Brasília, onde alguns crimes chamaram a atenção da mídia e da sociedade em geral por terem sido praticados por jovens de boa condição financeira. Os números são alarmantes: segundo a Delegada Eneida Taquary¹⁸, titular da 9ª. Delegacia de Polícia, do Lago Norte, embora não existam dados concretos que permitam estabelecer com exatidão a situação financeira dos criminosos, é perfeitamente perceptível que, em determinadas regiões privilegiadas da Capital Federal – citam-se Asas Sul e Norte, Lagos Sul e Norte e parte de Taguatinga – 50% (cinquenta por cento) dos crimes contra o patrimônio são praticados por pessoas de alto poder aquisitivo, sendo os mais comuns furtos no interior de veículos, brigas entre gangues, estelionato e tráfico de drogas.

O que acontece em Brasília para que tantos jovens endinheirados entrem no mundo da delinquência? Alguns autores, dentre eles Waiselfisz, levantaram pontos positivos e negativos encontrados, que poderão ser confrontados com os dados obtidos neste estudo. Segundo esses autores, é positivo o fato de a cidade proporcionar a realização de um projeto de vida, um padrão razoável de conforto para a classe média, onde sobra relativo tempo para que o indivíduo se dedique a si e a família. Indicam também como positivo, a segurança, as áreas verdes e a tranquilidade. Como ponto negativo, colocam as dificuldades de se fazer amizades, falta de lazer e o isolamento ocasionado pela organização espacial da cidade.¹⁹

¹⁸ Entrevista feita pela própria autora deste trabalho.

¹⁹ WAISELFISZ, Júlio Jacobo (coordenador) - **Juventude, violência e cidadania: os jovens de Brasília**. Cortez Editora, São Paulo: 1998, p.13.

Questão que não pode ser ignorada no contexto brasileiro por, ser um ponto chave nos altos índices de criminalidade entre adolescentes de classe média do Distrito Federal, é justamente a distribuição espacial da cidade e a falta de áreas de lazer para os jovens, favorecendo o ingresso na delinquência porque a ociosidade acaba proporcionando a procura por uma ocupação, nem sempre conduzindo a atividades saudáveis. Os passatempos escolhidos pelos jovens muitas vezes podem acabar em atos de vandalismo contra o patrimônio público e até mesmo contra pessoas. Um dos entrevistados – Marcos, relatou: “quando não tínhamos nada para fazer, íamos para os túneis de travessia de pedestres do Eixão com bombinhas que produziam um grande estrondo, e, quando passava alguém, jogávamos só para ver a reação da pessoa; depois corríamos e daqui a pouco voltávamos para jogar de novo”. Este é um exemplo das distrações escolhidas pelos jovens nos períodos de ociosidade.

Outra distração comumente escolhida pelos jovens do sexo masculino de Brasília é a prática por artes marciais: dos dez entrevistados, seis praticavam algum tipo de luta à época do crime cometido, ou já o haviam feito em algum momento; cinco dos que cometeram homicídio eram praticantes ou haviam praticado lutas marciais; dois deles já davam aulas. As modalidades de luta predominantes são judô e capoeira. No entanto, é sabido que o Jiu-Jitsu também é um esporte amplamente procurado por garotos quando chegam à adolescência. Ao serem indagados por quem procuraram praticar artes marciais, foi consenso entre os entrevistados que o objetivo inicial foi, simplesmente, a prática de algum esporte.

No entanto, é consabido que, ao chegar a puberdade, começam as preocupações com o corpo, o desejo de ter formas musculosas bem definidas, e também de estar inserido em um meio com outros jovens que buscam o mesmo objetivo. Esse é um ambiente propício que pode favorecer o surgimento de grupos que saem para botar em prática, na rua, o que se aprenderam na academia.

Também é possível verificar na pesquisa a violência sem causa ou com causas frívolas, a violência pela violência. Dois dos entrevistados, que agiram juntos em um homicídio cometido no Plano Piloto há alguns anos, relataram o seguinte ao falarem sobre o motivo do crime:

Leonardo: “Há sete anos eu penso sobre isso, sempre deitado e fico pensando o que deu na nossa cabeça para fazermos aquilo. Me irrita quando me fazem esta pergunta, pois eu mesmo não sei. Espero descobrir antes de outra pessoa.”

Marcos: “Nosso grande problema na época era não termos respeito pelas pessoas, não respeitávamos ninguém. Sempre fazíamos brincadeiras sacaneando os outros na rua e neste dia era para ser mais uma dessas brincadeiras, só que acabou mal.”

Outros dois entrevistados, que participaram de uma briga na qual morreu um adolescente de 16 anos integrante de um grupo rival, relataram o seguinte:

Felipe: “Eu nunca tinha visto o menino que morreu, para ser bem sincero, eu só vi a cara dele depois que tudo que aconteceu porque a Juíza me mostrou uma foto dele. Eu não tinha nada contra ele, nem sabia da existência, fui lá com os outros apenas para dar apoio mesmo.”

Adriano: “Tudo começou em uma briga pela manhã na escola, oito garotos tinham cercado meu amigo e eu fui defendê-lo, nessa bagunça roubaram o meu relógio e a tarde eu fui pegar de volta. Nem tinha sido o menino que morreu, mas ele deu azar de cair.”

Outros dois, que na saída de uma boate da Asa Sul brigaram juntos contra um terceiro, que acabou morrendo, e que integrava outro grupo, disseram o seguinte:

Renato: “O meu problema não era com ele, era com o amigo dele, que tinha passado a mão na bunda da minha mulher e tentado agarrar a minha amiga ainda dentro da boate. Eu tinha agüentado isso quieto, mas quando saímos da boate, eles saíram também e vimos do carro eles seguindo e fazendo sombra na nossa amiga que estava andando em direção ao carro dela sozinha. Eu não a deixaria naquela situação, por isso desci do carro e fui tomar satisfação com eles.”

Paulo: “Na verdade, eu estava no lugar errado na hora errada, eu tinha acabado de conhecer o Renato, só estava junto com ele porque ele era amigo da garota que ia sair comigo. Eu não quis brigar, apenas me defendi.”

Neste último caso, Paulo e Renato estavam juntos, mas somente o último foi indiciado por homicídio; o outro é acusado de lesão corporal por ter brigado com o jovem que acompanhava a vítima.

Uma reportagem do Correio Brasiliense²⁰ aponta que os jovens de Brasília têm dificuldade de conviver com pessoas de classes sociais diferentes, talvez em razão da própria disposição do Plano Piloto e das cidades-satélites. O inter-relacionamento só ocorre entre moradores da mesma região, com padrões culturais e econômicos parecidos. Cria-se então, a intolerância para lidar com os outros, pois a classe média se isola e não tem contato com a pobreza. Essa falta de tolerância também pode ser verificada no relato do rapaz que, junto com amigos, jogava bombas nos túneis de travessia no Eixão, pois, provavelmente, a maior parte dos que utilizam esse trajeto pertence a outras classes sociais menos favorecidas. São, geralmente, pessoas que terminaram a jornada de trabalho e retornam para suas casas.

Observando o comportamento dos adolescentes, não é fácil encontrar grupos heterogêneos, compostos por moradores do Plano Piloto e por moradores do entorno – cidades satélites em geral – o que denuncia a segregação social. Talvez seja essa uma das causas do desprezo que os jovens residentes das áreas nobres alimentam em relação aos moradores da periferia, bem assim o preconceito e a inamistividade latente destes em relação àqueles. Paulo, um dos entrevistados e morador de cidade satélite, relatou o seguinte: “No dia da briga eu não queria ir para o Plano Piloto, fui por insistência dos outros, mas, sinceramente, eu preferia ter ficado aqui em Taguatinga e não me misturar.”

Em uma conversa informal, não registrada nos anexos deste trabalho, com alguns adolescentes do entorno, eles relataram não gostar de dizer onde moram quando estão na companhia de outros jovens; certamente, a razão dessa atitude é por se sentirem discriminados, ainda que tenham o mesmo padrão econômico dos moradores das chamadas áreas nobres (Asa Sul, Asa Norte, Lago Sul, Lago Norte, Setor Sudoeste). Isso decorre, provavelmente, da cultura enraizada entre os brasilienses, estabelecendo certa superioridade dos moradores do Plano Piloto em relação aos residentes nas cidades-satélites ou nas áreas periféricas.

²⁰ Reportagem publicada no Correio Brasiliense de 2 de maio de 2004.

As brigas entre adolescentes ocorrem em cada micro-universo freqüentado por eles, seja no centro ou na periferia. Dividido em superquadras, o Plano Piloto favorece o surgimento de grupos rivais. Eles tentam controlar a área e impedir que “inimigos” cruzem o território. Para passar e não apanhar é preciso ter um conhecido influente na área. Nas cidades mais novas, a disputa pelas poucas áreas de lazer acaba, muitas vezes, em combates entre gangues rivais.²¹ Isso é constatado na entrevista de um dos entrevistados, que relatou que, ao se mudar para outra quadra, automaticamente ganhou novos inimigos.

Segundo Adriano²², ele não procurava brigas, mas, sendo importunado, não fugia. Geralmente os embates se davam em shows ou nas noitadas pela cidade, de forma geral. Sempre apareciam os rivais de quadras querendo brigar sem nenhuma causa concreta. Felipe²³, do mesmo grupo de Adriano, afirmou que rixas entre moradores de superquadras sempre existiram, muito antes de estarem inseridos no noticiário policial brasiliense: “Na década de oitenta e até mesmo antes, a rivalidade já era muito grande e essa tradição foi sendo passada para as gerações seguintes se estratificando até os dias atuais.”

Existe, assim, uma necessidade clara por parte desses jovens de burlarem a lei que – como dito – é inerente a essa fase da vida. A participação em um grupo com o qual o adolescente se identifica facilita sua entrada no mundo da delinqüência. Nele o jovem encontra seu espaço e adquire respaldo para praticar delitos. Além disso, mesmo que não deseje propriamente cometer infrações, pode vir a fazê-lo apenas para se impor diante do bando.

É o que relatou um dos entrevistados, ao falar sobre outro participante da gangue: “Ele era novato na quadra e queria se impor diante dos outros, por isso entrou na briga”. Nesse caso, a briga culminou na morte de um adolescente da “gangue” rival, que tinha apenas 16 anos.

Há evidente risco de que o comportamento desses jovens seja adotado como modelo a ser seguidos, o que não raro tem ocorrido. No caso da gangue acima citada, uma pessoa que estudava na mesma escola dos jovens envolvidos relatou informalmente que na

²¹ Cf. Reportagem do Correio Brasiliense, edição de 2 de maio de 2004.

²² Entrevista feita pela autora do trabalho.

época, outros garotos da escola “brincavam” afirmando ser Adriano, tido como líder da gangue. Um outro rapaz relatou, também informalmente, o seguinte: “na época do crime, ficou insuportável sair em Brasília; todas as vezes que eu saía a noite ocorriam brigas; eu cheguei a deixar de sair de casa para evitar problemas. Uma vez em uma boate no Gilberto Salomão eu estava com um amigo e chegou um rapaz pedindo um cigarro, meu amigo disse que era o ultimo e então o rapaz perguntou se ele sabia com quem estava falando, meu amigo disse que não e foi ameaçado, depois descobrimos que era um rapaz do grupo de Adriano que não estava preso, decidimos ir embora para evitar dores de cabeça, mas sempre que saíamos esse rapaz estava nas noites caçando confusão.”

Outro aspecto que aparece na pesquisa é a questão do rendimento escolar: dos dez entrevistados, sete tiveram problemas de desempenho e forma reprovados no segundo grau. Portanto, esse pode ser um indicativo de que algo não vai bem.

Jovens envolvidos em problemas com a justiça ganham cada vez mais espaço nas mesas dos promotores da Vara de Infância e Juventude. Atualmente, vinte e cinco mil processos tramitam por ali, desde de casos de adoção até internações em abrigos para jovens infratores, do total de processos, 66% (sessenta e seis por cento) decorrem do cometimento de atos infracionais.²⁴

Apesar do aumento das infrações praticadas por jovens da classe média brasileira, no Centro de Atendimento Juvenil Especializado - CAJE, instituição para onde, teoricamente, são encaminhados os infratores adolescentes, não há um só interno da classe média. Segundo a Diretora da instituição, Doutora Iolete não foi possível dar uma maior contribuição para este trabalho porque no CAJE quase não chegam adolescentes da classe média alta, salvo quando seus atos infracionais repercutem com maior intensidade na mídia. Nesses casos, há uma necessidade de cunho político, que é dar uma resposta à sociedade para demonstrar a “preocupação” da autoridade com a delinquência infanto-juvenil. Afirmou a Doutora Iolete: “Apenas chegam aqui os casos de grande repercussão na mídia como, por exemplo, o menino do grupo que queimou o índio. Basta ter o mínimo de instrução para não chegar até aqui, até mesmo os pobres que conseguem um advogado ficam fora e por isso a

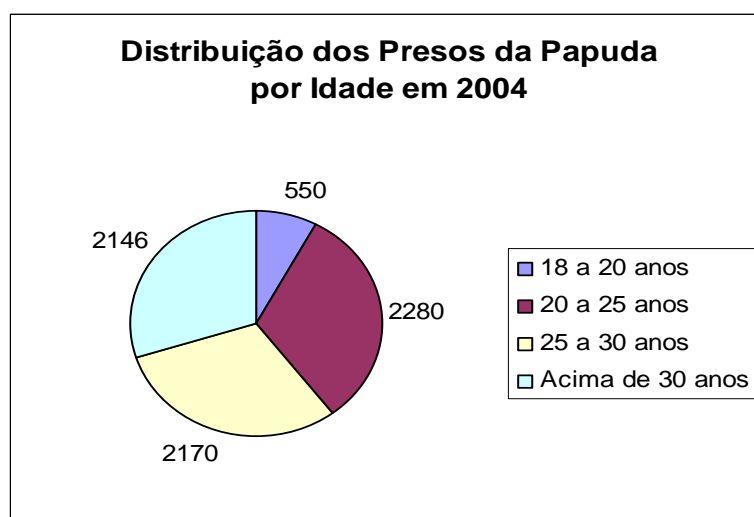
²³ Ib, ibidem.

²⁴ Cf. Reportagem do Correio Brasiliense, edição de 2 de maio de 2004.

maioria dos internos daqui vivem em uma situação de miséria total e não tem outra opção a não ser ficar.”

Situação semelhante ocorre no presídio da Papuda, onde, de acordo com o Agente Ribamar Fonseca²⁵, não existem praticamente presos de classe média alta. Ele relata não existir dados estatísticos exatos que definam a classe social dos presidiários, mas afirma, com convicção, que não existem presos de boa situação financeira na Papuda, com raríssimas exceções.

Com base nos elementos oferecidos pelo Agente Ribamar, foi montada a tabela da população prisional por faixa etária:



É possível, portanto, com base nos dados obtidos e no relato da Doutora Eneida Orbage Taquari – que afirma que 50% (cinquenta por cento) dos crimes contra o patrimônio nas áreas nobres de Brasília (Plano Piloto, Lagos Sul e Norte) são cometidos por jovens de alto poder aquisitivo²⁶ – constatar uma incoerência que passa a idéia de impunidade, pois os jovens ricos não chegam às instituições correccionais de menores, embora os crimes cometidos por eles estejam em franca ascensão. Assim, a quase certeza da impunidade também passa a ser um fator de relevo, no que concerne aos estímulos para o incremento da criminalidade juvenil.

²⁵ Entrevista realizada pela autora do trabalho.

²⁶ *Ib.*, *ibidem*.

A respeito disso, Levisky diz: “A delinquência nas classes média e alta tem configurações distintas da classe operária ou desabrigada, e, não raro, fica acobertada pelo poder econômico, que silencia os processos judiciais e tenta omitir as desorganizações familiares, cada vez mais frequentes. Estas injustiças vão minando a tolerância, a confiança nos sistemas, rebaixando a auto-estima, incrementando o terreno para a violência, que passa a ser o clamor desesperado, um sinal de vida, um grito de esperança.”²⁷

Outra questão levantada pela Delegada Eneida Taquari²⁸ é a do *status* financeiro. Segundo ela, muitos jovens cometem crimes contra o patrimônio para manter um padrão que já não conseguem obter somente com o dinheiro da mesada oferecida pelos pais. Cada vez mais eles precisam de dinheiro para equipar o carro, ir a boates, sair com namoradas; enfim, são muitos os gastos necessários para manter essa aspiração. Ela diz, na entrevista, que “faltam a esses jovens os valores que seus pais tem, pois eles não se preocupam em lesar outras pessoas para obterem o que desejam”. Essa suposição pode ser justificada com base no que afirmou Levisky, na citação mencionada na fundamentação teórica, pois o jovem procura ir exatamente contra os valores parentais.

Além disso, a psicanalista Marta Conte considera outro aspecto relevante: “O sucesso tornou-se um meio socializado de construção da identidade pessoal. Esse modelo reafirma a importância da posse de objetos de consumo como espelho identificatório. Eu sou aquilo que possuo, e quanto mais possuo, em quantidade e qualidade, mais sou bem-sucedido. A nossa cultura consumista vende a idéia de uma vida perfeita, sem faltas, desde que se consuma o objeto certo e já. Nessa perspectiva está a busca de um objeto que satisfaça desejos e necessidades e do qual se depende para viver, numa tentativa de anular o mal estar.”²⁹ Mesmo que a procura por esse objeto, por esse padrão, leve à delinquência.

Essa questão foi observada em um dos entrevistados que está cumprindo pena por vender substância entorpecente. Disse ele: “Eu só vendia para pessoas conhecidas, nem imaginei que um dia seria pego por isso. Só comecei a vender por dinheiro mesmo e

²⁷ LEVISKY, David Leo, *Adolescência e Violência - conseqüências da Realidade Brasileira*. São Paulo: 2000, Ed. Casa do Psicólogo, p. 102/104.

²⁸ *Ib*, *ibidem*.

²⁹ CONTE, Marta. **Ser herói já era: seja famoso, seja toxicômano, seja marginal!**, in *Adolescência: entre o passado e o futuro*. Porto Alegre : 1999, Ed. Artes e Ofício, p.244/245

como o lança perfume é uma droga facilmente encontrada e fraca eu não pensava que fosse dar em nada.”

Em relação à toxicomania, é sabido que grande parte dos adolescentes usa algum tipo de droga, nem que seja só por experiência. Neste caso, o problema não está apenas em experimentar o tóxico, mas no contexto em que é usado. Quando consumida coletivamente, é normal – ocorrendo muitas vezes devido à pressão do grupo – e não pode ser vista como conduta desviante.

Tanto em Brasília quanto nos demais centros urbanos, o acesso à droga é facilitado. Muitas vezes o adolescente não precisa nem ir atrás para obtê-la: ela chega por intermédio de amigos e conhecidos, nos mais variados ambientes, tais como superquadras, escolas, bares, boates e outros lugares freqüentados por jovens. Uma coisa é certa: onde o jovem está a droga também está. Dentre os entrevistados que fazem ou fizeram uso de tóxicos, nenhum precisou ir atrás: o acesso à droga se deu por intermédio de outros jovens.

Como não existe dificuldade para obtenção da droga em Brasília, pode-se concluir que é alto o número de adolescentes que fazem uso esporádico ou freqüente de substâncias tóxicas, sem considerar a enorme percentagem que consome substâncias lícitas como o tabaco e o álcool. Embora seja proibida a venda de bebidas alcoólicas a menores de idade, não existe nenhum controle ou fiscalização. Andando no Píer 21 sábado a noite, é possível encontrar muitos jovens passeando com latinhas de cerveja na mão, sem a menor preocupação em escondê-las.

Outro ponto muito importante levantado no presente trabalho é sobre a relação entre pais e filhos. Observou-se uma enorme permissividade e também descaso dos pais, sugerindo um abandono capaz de deixar o jovem – no difícil processo de formação da personalidade – sem continente e sem limites definidos, buscando ir cada vez mais além, só para desafiar as suas próprias fronteiras. Às vezes, tudo o que deseja é maior atenção dos pais.

A Doutora Eneida Taquari relatou que muitas vezes, quando o jovem é preso, a família nem fica sabendo, pois os próprios amigos se encarregam de pagar a fiança liberatória, sem levar o episódio ao conhecimento dos pais. Por isso, ela resolveu instituir na

delegacia da qual é titular um procedimento segundo o qual todos jovens que fossem conduzidos em flagrante por terem cometido algum delito, seriam avisados os pais. Tal sistema, contudo, não chegou a ser implementado, uma vez que os próprios pais não se mostraram interessados. Quando avisados, reclamavam, afirmando que o filho tinha errado e devia se virar sozinho. O malogro da iniciativa decorreu, portanto, do próprio desinteresse dos pais em saber o que os seus filhos estariam fazendo fora de casa.

Esse abandono e falta de afeto ficou bem claro nas entrevistas procedidas. Os pais se abstêm da responsabilidade de educar, orientar e proteger seus filhos. A maioria dos que chegaram ao extremo de cometer crimes hediondos tem histórico de abandono, como ficou constatado durante as entrevistas:

- **Leonardo**, aos 19 anos já não morava com os pais. Havia residido em vários lugares diferentes durante o processo de separação dos pais, até se fixar na casa do irmão mais velho;

- **Marcos** morava com a mãe, irmãs e padrasto. Afirmou que sempre teve boas relações com a família, mas, por ocasião do crime, estava sozinho em casa e fora incumbido de cuidar do cachorro da família. Diz ter se arrependido por não ouvir o conselho da mãe para que ficasse em casa naquela noite;

- **Felipe** morava sozinho com o pai enquanto as irmãs residiam com a mãe;

- **Renato** não teve pai ao seu lado desde que nasceu. Passou a morar sozinho aos 16 anos, pois a mãe casou novamente e foi morar com o novo marido, deixando-o na antiga moradia.

Esses são apenas alguns relatos de jovens que chegaram a matar alguém. Mas o abandono, explícito ou não, foi constatado em muitas entrevistas. Nos casos de toxicomania, verificou-se que, quando os pais intervieram corretamente, o jovem abandonar as drogas sem maiores problemas. Contudo, num caso em que essa intervenção chegou à agressão física, o jovem se revoltou com mais intensidade e passou a experimentar outras

drogas, tornando-se dependente químico. Atualmente, consome habitualmente apenas a maconha.

Apesar do abandono, os entrevistados se mostram muito afetivos em relação às famílias e demonstram revolta quando alguém insinua que os pais são culpados pelos atos ilícitos que cometeram. Esse sentimento, provavelmente, decorre do remorso pelo sofrimento propiciado à família em consequência de seus atos. Deve-se considerar que o abandono é, muitas vezes, velado: os pais não dão afeto, mas dão dinheiro; não dão atenção, mas permitem que o jovem faça tudo que quiser e patrocinam seus desejos. Todos os entrevistados, com exceção daqueles que são viciados em drogas, afirmaram serem apoiados pelos pais e pela família para tudo, desde ajuda financeira até visitas no presídio. Falando sobre sua situação, Marcos afirmou: “fico com muita raiva quando dizem que o que aconteceu foi por culpa dos meus pais! Eles não tiveram culpa de nada, eles não podem ser responsabilizados por uma besteira que eu fiz.” Adriano e Felipe reagiram da mesma forma.

Para concluir esta parte do trabalho, apresenta-se a poesia de Renato Russo, líder do Legião Urbana, banda com a qual os jovens da década de 80 e início da década de 90 se identificavam muito:

“Quando nascemos fomos programados
A receber o que vocês nos empurraram
Com os enlatados dos USA, de 9 às 6
Desde pequenos nós comemos lixo
Comercial e industrial
Mas agora chegou nossa vez
Vamos cuspir de volta o lixo em cima de vocês
Somos os filhos da revolução
Somos burgueses sem religião
Nós somos o futuro da nação
Geração Coca-Cola
Depois de vinte anos na escola
Não é difícil aprender
Todas as manhas do seu jogo sujo
Não é assim que tem que ser?”

Vamos fazer nosso dever de casa
E aí então vocês vão ver
Suas crianças derrubando reis
Fazer comédia no cinema com as suas leis
Somos os filhos da revolução
Somos burgueses sem religião
Nós somos o futuro da nação
Geração Coca-Cola”

Renato Russo

Considerações Finais

“Não vejo esperança para o futuro do nosso povo se ele depender da frívola mocidade de hoje, pois todos os jovens são, por certo, indivizivelmente frívolos...Quando eu era menino, ensinavam-nos a ser discretos e a respeitar os mais velhos, mas os moços de hoje são excessivamente sabidos e não toleram restrições.”

Hesíodo (Século VIII a. C.)

Embora as entrevistas realizadas só permitam uma visão inicial do campo analisado, foi possível verificar que muitas das questões levantadas na fundamentação teórica estão em consonância com as informações colhidas dos entrevistados. Fazendo um paralelo com o estudo realizado por Waiselfisz,³⁰ é possível verificar muitos pontos em comum.

Os autores da pesquisa citada fizeram entrevistas com jovens brasileiros, perguntando-lhes o que era a violência e, segundo constataram, eles nem sempre identificam a violência moral como uma forma de violência. Neste trabalho, ficou claro que os jovens da classe média alta de Brasília abusam da força física, utilizando-a em situações banais. Muitos se empenham em aprender artes marciais não como forma de recreação esportiva, mas para se impor aos outros. Essa modalidade esportiva é buscada por outros jovens como forma de defesa.³¹ Exemplo do uso indiscriminado e inadequado da força física aconteceu com um estudante de Direito, de 22 anos, que, junto com o irmão, foi espancado por cinco rapazes em uma Micarê sem nem mesmo saber porque.³²

Esse aspecto pode ser verificado no perfil dos entrevistados, pois, dos dez ouvidos, seis eram praticantes de artes marciais, sendo um deles professor e outro auxiliar de classe, sendo predominantes o judô e a capoeira. A banalização da violência também ficou

³⁰ *In* Juventude, Violência e Cidadania: Os Jovens de Brasília.

³¹ WASELFSZ, Júlio Jacobo (coordenador) - **Juventude, violência e cidadania: os jovens de Brasília**. Cortez Editora, São Paulo: 1998, p. .30/33

³² Reportagem do Correio Brasiliense, edição de 2 de maio de 2004.

bem clara nas pesquisas realizadas, que deixaram claramente evidenciada a inexistência de uma causa plausível para a prática do crime.

Existe também a questão das gangues. De acordo com os autores da pesquisa realizada sobre a juventude e a violência em Brasília, nas entrevistas abertas, nenhum jovem admitiu pertencer a algum grupo; mas nos questionários fechados assumiram que integravam grupos definidos.

Isso também ficou constatado nas entrevistas aqui realizadas: nenhum dos entrevistados assumiu participar de gangues, mas admitiram que os amigos com os quais conviviam moravam na mesma quadra ou eram colegas de escola.

Os autores da pesquisa anterior acreditam ser essa reação uma preocupação em “tornar público seu engajamento em práticas mal vistas pela sociedade, reprimidas pela polícia e não aceitas pela família”. Os jovens sentem-se impulsionados a fazer parte de uma gangue e praticar delitos juntamente com outros participantes. A violência é, assim, uma resposta à descrença com a sociedade em geral, devido ao vazio existencial experimentado pela falta de espaço e pela ausência de limites e de um canal de participação política³³.

Não é raro encontrar pessoas queixando-se da dificuldade que sentem em fazer amizades na Capital do País. Além da disposição física da cidade, pode-se considerar o fato de Brasília ser formada com base nos costumes de várias regiões brasileiras, não prevalecendo uma tradição comunitária própria, porque os seus moradores provêm das mais diversas culturas regionais brasileiras. Esse pode ser um fator para explicar a dificuldade de entrosamento entre a população candanga. É comum passar anos morando em um mesmo endereço sem conhecer o vizinho do lado. Nesse aspecto, Brasília pode ser considerada uma cidade fria, onde predomina o individualismo.

Todos esses fatores podem ser a porta de entrada para o ingresso do jovem no mundo da criminalidade. Com a dificuldade de fazer amizades, ele procura lugares onde encontra pessoas com as quais tenha alguma afinidade, para se relacionar com outras pessoas

que tenham os mesmos objetivos. Muitas vezes, essas pessoas são encontradas nas academias de artes marciais. Certamente, esse é um espaço que merece atenção especial dos pais, se quiserem saber que tipo de ambiente o filho frequenta, se os professores são confiáveis e se proporcionam a devida orientação e servem de bom exemplo para os alunos. Não se trata de proibir os filhos de praticarem lutas; estas, se bem orientadas, são perfeitamente aceitáveis e até saudáveis. Afinal, o esporte sempre conta um ponto positivo na vida dos adolescentes, servindo como paradigma o velho adágio romano: *mens sana in corpore sano*..

Outro fator que deve ser observado com muita cautela pela família é o baixo desempenho escolar. Este pode ser um sintoma, uma manifestação de que algo não vai muito bem com o jovem, que pode estar passando por conflitos não manifestados dentro de casa. Esses conflitos, contudo, são comuns na adolescência e prejudicam sobremaneira o rendimento intelectual. Os pais devem estar atentos, também, porque o fraco desempenho escolar pode revelar o envolvimento com drogas.

Portanto, é necessário que os pais observem seus filhos, as mudanças de atitude, os amigos e as pessoas com as quais eles se relacionam, de forma geral. É comum ao jovem tentar ir além de suas capacidades, buscar o desconhecido, arriscar-se. Tudo isso faz parte de seu processo evolutivo, da formação de sua personalidade e as relações parentais são essenciais nesse processo, pois proporcionam a transição segura do adolescente para a vida adulta, de forma mais segura e saudável.

O jovem necessita, enfim, de um algo que o contenha, sendo imprescindível que vivencie esse período de grande instabilidade emocional, embora necessite de limites, a partir dos quais aprenderá a lidar com o mundo, com as frustrações do dia a dia. Quanto tenta burlar a lei, o adolescente está pedindo um freio, uma indicação de que o caminho não é esse. Segundo a psicanalista Maria Conte, ao contrário do que se pensa, a conduta do delinquente espera e anseia pela reação da lei³⁴.

³³ WASELFISZ, Júlio Jacobo (coordenador) - **Juventude, violência e cidadania: os jovens de Brasília**. Cortez Editora, São Paulo: 1998, p.39.

³⁴ CONTE, Marta. **Ser herói já era: seja famoso, seja toxicômano, seja marginal!**, in **Adolescência: entre o passado e o futuro**. Porto Alegre : 1999, Ed. Artes e Ofício, p. 253.

Assim, se o jovem se vê percebe uma situação de impunidade, seja ela dentro de casa ou fora, estará sempre indo adiante, fazendo mais coisas que não deveria. Maria Conte diz: “ O convite a delinqüência se encontra no discurso da impunidade, do “jeitinho”, do paraíso fiscal, da má distribuição de renda, das chacinas, do narcotráfico governamental, dos aplausos ao Pareja, da incompetência do Sistema Penal, entre outros.”³⁵

Notória é a tendência à impulsividade dos adolescentes. Devido às características biopsicossociais, eles tendem naturalmente a passar com rapidez excessiva do pensamento ao ato, apresentando maior tendência de descarregar seus impulsos de forma mais direta, quase instantaneamente. Com freqüência, os jovens só pensam nas conseqüências da conduta depois de realizarem a ação, quando podem perceber com maior clareza a extensão dos danos causados. Anna Freud³⁶ afirma ser muito difícil assinalar o limite entre o normal e o patológico na adolescência. Considera, na realidade, toda comoção desse período da vida como normal, assinalando também que anormal seria a presença de um equilíbrio estável durante o processo adolescente. Sobre esta base, e levando em consideração o critério evolutivo da psicologia, é possível definir e aceitar a adolescência como um processo de desenvolvimento. Deve-se, portanto, procurar compreender melhor o jovem para poder situar seus desvios no contexto da realidade em que está mergulhado.

³⁵ Ib, ibidem.

³⁶ FREUD, Anna, *apud* José Ottoni Outeiral, in **Adolescer – Estudos Sobre Adolescência**. Ed. Artes Médicas, Porto Alegre : 1994, p. 32.

Referencias Bibliográficas

- BLOS, Peter – Transição Adolescente, Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul, 1996.
- GIL, Antonio Carlos – Métodos e Técnicas de Pesquisa Social, São Paulo: Editora Atlas, 5ª edição, 1999.
- LEWISKY, David Leo – Adolescência: Reflexões Psicanalíticas, São Paulo: Casa do Psicólogo Editora, 2ª edição, 1998.
- LEWISKY, David Leo (organizador) – Adolescência e Violência: Conseqüências da Realidade Brasileira, São Paulo: Casa do Psicólogo Editora, 2000.
- OSÓRIO, Luiz Carlos – Adolescente Hoje, Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul, 3ª edição, 1992.
- OUTEIRAL, José Ottoni – Adolescer: Estudos Sobre Adolescência, Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul, 1994.
- OUTEIRAL, José Ottoni (organizador) – Clínica Psicanalítica de Crianças e Adolescentes: Desenvolvimento, Psicopatologia e Tratamento, Rio de Janeiro: Editora Revinter, 1998.
- RASSIAL, Jean-Jacques – O Adolescente e o Psicanalista, Rio de Janeiro: Companhia de Freud Editora, 1999.
- WAISELFISZ, Julio Jacobo (coordenador) – Juventude, Violência e Cidadania: Os Jovens de Brasília, São Paulo: Cortez Editora, 1998.
- Diversos Autores – Adolescência: Entre o Passado e o Futuro, Porto Alegre: Editora Artes e Ofícios, 2ª edição, 1999.

ANEXOS

As entrevistas com os jovens foram conduzidas de forma não diretiva, no entanto, procurou-se levantar alguns aspectos considerados relevantes no contexto estudado, são eles:

- Relação com a família;
- Atividades desenvolvidas no dia a dia;
- Relação com os amigos;
- Desempenho escolar;
- Causas dos crimes cometidos;
- Comportamento social antes de cometer os crimes;
- Se fazem ou já fizeram uso de alguma droga e qual tipo.

Sujeito N°1: Leonardo

Leonardo foi procurado por ter praticado homicídio junto com um grupo de amigos, num episódio que traumatizou Brasília, devido aos requintes de crueldade, alcançando, por isso mesmo, ampla repercussão na mídia e na sociedade em geral. Se encontra preso há sete anos por tal crime.

Assim como os outros integrantes desse grupo, Leonardo provém de família com situação financeira estável, sempre estudou em conceituadas escolas da rede privada de ensino e teve acesso a planos particulares de saúde, de forma irrestrita. É o filho mais novo de uma família de três irmãos e, segundo ele mesmo, foi o mais privilegiado, porque a situação financeira da família melhorou muito na época do seu nascimento. Por isso, foi o único filho que estudou integralmente em escolas particulares, a quem nunca faltaram os bens materiais que desejava.

Relata que teve uma infância feliz e descreve sua vida familiar como normal, durante a maior parte do tempo. Diz que os problemas familiares começaram quando completou 14 anos, quando os pais entraram em um traumático processo de divórcio litigioso, que se prolongou anos a fio e marcou sua adolescência. Nesse período, teve problemas com o desempenho escolar, chegando a ser reprovado e tendo que mudar de escola. Fez o primeiro ano do segundo grau na escola onde conheceu os amigos que estavam com ele no dia em que cometeram o crime. Aos 17 anos, se mudou com sua mãe para uma fazenda no interior, afirma não ter suportado por muito tempo devido ao grau de isolamento ao qual se submetera neste período.

Voltou para Brasília para morar em um pequeno apartamento na Asa Norte com o irmão mais velho, sua esposa e uma filha ainda bem pequena no casal. Ao ser indagado sobre

a relação com este irmão, Leonardo afirma não ter tido problemas, julgou a interação muito boa por não haver interferência deste em nada do que fazia na época. A relação anterior entre os dois era limitada, pois o irmão mais velho passou muitos anos estudando fora, o que impossibilitou uma aproximação e vinculação mais forte entre eles. Esta era a situação do adolescente quando cometeu o crime, ele estava então com 19 anos.

Segundo Leonardo, outra coisa que o incomodava muito, fora a questão da separação dos pais, era a situação do irmão do meio, que entrou em surto psicótico, que se prolonga até os dias atuais.

Sente-se incomodado de ser taxado como criminoso por não se considerar um, afirma nunca ter feito mal algum a mais ninguém e ao falar sobre o que o teria levado a cometer tal delito, sente-se confuso, diz que muitas vezes já tentou refletir a respeito, mas nunca chegou a conclusão alguma.

Leonardo diz que viverá para o resto da vida com a consciência pesada por ter tirado a vida de outra pessoa

Sujeito N° 2: Adriano

Adriano junto com um grupo de mais sete garotos com idades entre 16 e 21 anos juntaram-se para acertarem contas com rapazes por uma briga que havia começado na parte da manhã na escola em que cursavam o segundo grau. O acerto de contas acabou com a morte de um dos rapazes do grupo rival, que tinha 16 anos.

Estava então com 18 anos e cursava o primeiro ano do segundo grau em uma escola particular da Asa Norte, já tinha um histórico de reprovação escolar. Diz ter passado sua infância e parte da adolescência em uma super-quadra da Asa Sul, mudara-se para a Asa Norte devido a mudança de emprego do pai. Afirma ter adquirido muitos inimigos só por estar morando nesta nova quadra, devido às rixas entre quadras típicas de Brasília. Adriano não considera que ele e o grupo de amigos constituíam uma gangue, como foi amplamente divulgado na mídia. Segundo ele, eram apenas amigos de quadra.

Adriano era praticante de Judô, participava de competições e diz ter passado muito tempo de sua infância e adolescência se dedicando ao esporte, na época do crime já era auxiliar de professor e tinha autorização para dar aulas. Como era um dos mais velhos do grupo foi tido juntamente com outro rapaz como o líder da gangue, o que segundo ele não é verdade. Diz que não conhecia os rapazes do grupo rival e que entrou na briga pela manhã para defender o amigo que havia sido cercado sozinho por oito rapazes, um deles o que foi morto a tarde.

Segundo ele, sempre teve uma boa relação com a família e com os amigos. Ao ser indagado sobre seu comportamento antes desse delito, Adriano diz que saía com os amigos para se divertir, mas se fosse provocado não fugia das brigas.

Pelo crime citado Adriano ficou preso por oito anos e já estava em liberdade quando cometeu outro delito pelo qual está novamente encarcerado. Ele afirma ter passado dois anos tranquilo, chegou a casar e ter um filho, mas diz ter entrado em depressão por não conseguir emprego e pela falta de perspectiva. Afirma ter encontrado uma bolsa e ter caído na tentação de ir ao shopping fazer compras com os cheques que nela estavam, foi preso então por crime de estelionato.

Sujeito N° 3: Marcos

Marcos tinha 19 anos quando juntamente com 4 amigos cometeu um homicídio que chocou a sociedade brasileira devido a crueldade do ato, ele participava do mesmo grupo do sujeito n°1 - Leonardo. Na ocasião, sua mãe estava viajando e o tinha aconselhando a não sair a noite pedindo para que ele ficasse em casa cuidando do cachorro dela. Marcos diz que gostaria de ter dado ouvidos a mãe, mas teimou e acabou saindo com os amigos sem ter exatamente o que fazer. Na falta do que fazer o grupo decidiu “brincar” ou “fazer pegadinhas” com as pessoas no meio da rua, coisas que segundo ele, já estavam habituados a praticar. Nesta noite, a brincadeira culminou na morte de uma pessoa. Ele relata detalhadamente o que aconteceu e se refere ao que fez como: “a merda que eu fiz”.

Marcos afirma que o grande problema dele e dos amigos era não ter respeito pelas pessoas, relata que sempre saiam de casa para fazer “brincadeiras” com as pessoas no meio da rua: “quando não tínhamos nada para fazer, íamos para os túneis de travessia de pedestres do Eixão com bombinhas que produziam um grande estrondo e quando passava alguém jogávamos só para ver a reação da pessoa, depois corríamos e daqui a pouco voltávamos para jogar de novo”. Segundo ele era comum saírem para fazer esses tipos de brincadeira nos períodos de ociosidade.

Em relação a família diz que sempre manteve uma ótima relação com todos, foi criado desde de dois anos pelo padrasto a quem ele se refere como pai. Tem mais duas irmãs, uma filha da mãe e a outra filha apenas do padrasto. Se diz indignado quando ouve alguém falar que os pais também são responsáveis pelo que ocorreu, pois de acordo com o próprio tudo o que aconteceu é de responsabilidade única e exclusiva dele e não é justo culparem os pais por isso.

Teve problemas de reprovação escolar no período do segundo grau e foi nesta época que conheceu os outros rapazes que estavam com ele no dia do crime. Diz que na ocasião não teve acesso as informações passadas pela mídia a respeito deles e do fato ocorrido e acredita que isso tenha sido bom para todos, pois segundo ele se tivessem visto as conseqüências do que tinham feito antes de assimilar o fato poderiam ter enlouquecido.

Sujeito N°4: Felipe

Felipe pertencia ao mesmo grupo de Adriano, tinha 20 anos quando foi com um grupo de amigos continuar uma briga que tinha começado pela manhã na escola. Felipe não estudava na escola, apenas o restante dos amigos, relatou que nem conhecia os rapazes com os quais estava indo brigar, mas nesse acerto de contas no período da tarde, um jovem de 16 anos foi morto e Felipe ficou preso por sete anos junto com mais um grupo de amigos por causa deste crime.

Ele afirma ter a consciência limpa, pois diz não ter participado das agressões contra a vítima diretamente, confirma que foi acusado de ser líder do grupo, mas segundo o próprio isso ocorreu pelo fato dele ser o mais velho do grupo, na data Felipe era professor de capoeira e morava sozinho com o pai em uma superquadra da Asa Norte, enquanto as irmãs moravam com a mãe.

Felipe considera que tem culpa porque estava junto com os outros e por ser mais velho, acredita que a presença dele tenha encorajado e dado confiança aos outros para partirem para a agressão contra os rivais. No entanto, afirma com convicção que não encostou um dedo no adolescente que morreu.

Segundo Felipe, não andava muito com os rapazes que estavam com ele no dia do homicídio e se sente um tanto traído, pois afirma que os demais integrantes do grupo sabiam que ele não tinha participado diretamente do ato, mas ninguém falou nada, cada um procurou salvar sua pele incriminando os outros e por isso ele passou sete anos preso.

Disse que foi amplamente divulgado na mídia que eles constituíam uma gangue, mas que isso não era verdade, eles eram amigos de quadra. Afirmou que era muito conhecido e respeitado por todos da quadra, desde os mais novos até os mais velhos.

Falou ainda que Adriano, outro entrevistado que foi tido como líder da gangue junto com Felipe, não era um mau rapaz, mas que se deixava influenciar muito facilmente e como era novato na quadra fazia de tudo para se destacar e chamar a atenção para ele.

Em relação as brigas que ocorriam entre gangues de superquadras rivais, Felipe diz que isso sempre existiu, desde os anos 80 e até antes, já havia rivalidade entre grupos de jovens moradores das quadras e isso foi sendo passado de geração em geração.

Sujeito N° 5: Renato

Renato está preso por matar um jovem de 21 anos em uma briga na saída de uma boate. Ele já chega relatando o que aconteceu na noite. Relatou que estava junto com a esposa, duas amigas e um rapaz que estava acompanhando uma das amigas, tinham saído para comemorar o nascimento de seu filho, que acabara de completar um mês de idade. Estavam dentro da boate quando um jovem passou a mão em sua esposa e tentou agarrar a força sua amiga que estava desacompanhada. Renato afirmou que acabou deixando isso passar, mas na hora de sair da boate o mesmo rapaz e um amigo saíram junto com eles - ele, a esposa, uma amiga e seu acompanhante estavam em um carro e a outra moça no carro dela. De dentro do carro ele observou que os amigos estavam mexendo com a moça de novo e resolveu descer para protegê-la, mas nesse momento se alterou e deu um soco em um dos jovens que caiu no chão embriagado, o outro veio em defesa do amigo e também caiu com um soco, ele continuou agredindo o rapaz caído no chão e o resultado dessas agressões foi a morte.

Renato diz que sua intenção não era matá-lo e que o problema maior nem era com esse rapaz e sim com o amigo da vítima que o tinha ofendido dentro da boate mexendo com sua esposa e a amiga. Depois da confusão, entrou no carro e foi embora sem saber que as lesões provocadas tinham causado a morte do jovem.

Ao ser indagado sobre sua família Renato afirma que tem todo o apoio necessário e começa a relatar que é o mais novo de três filhos, um irmão e uma irmã. Com 16 anos, morava sozinho com a mãe, os irmãos já tinham suas casas e o pai foi ausente desde seu nascimento. Nesse momento de sua vida sua mãe resolveu se casar e como ele não se relacionava bem com o marido, ela decidiu ir morar na casa dele deixando o filho em sua casa.

Renato diz que desde 16 anos é independente, se sustenta sozinho, pagava suas contas, estudou por conta própria em escola pública. Aos 19 anos se casou com uma mulher mais velha que já tinha 2 filhos. Não demorou a casar com esta mulher e havia saído há pouco tempo de um namoro estável de cinco anos com outra pessoa. Depois da prisão foi abandonado pela esposa e voltou a se relacionar com essa ex namorada, com quem teve outro filho.

Se sente injustiçado e perseguido por estar preso há quatro anos sem ao menos ter ido a julgamento. Paulo, o rapaz que estava com a amiga de Renato na noite também está preso há quatro anos e segundo ele, injustamente, pois afirma ter feito tudo sozinho, diz Paulo não participou de nada.

Sujeito N° 6: Paulo

Paulo chega na sala de entrevista assustado, sem saber exatamente porque tinha sido retirado da cela, se mostra muito tímido e muito inseguro. Ao saber do motivo da visita fica mais calmo e começa a contar o que ocorreu. Segundo ele, estava no lugar errado, na hora errada.

Relata exatamente a mesma história de Renato e afirma que estava dentro do carro no momento da briga entre Renato e a vítima, saiu apenas na hora em que o outro rapaz foi na porta do carro o mandou sair, afirma ter se defendido e não brigado. Diz ter conhecido Renato na noite, era o acompanhante de uma das amigas dele. Fala que não queria ter ido para a boate no Plano Piloto, preferia ter ficado em Taguatinga e não se misturado, pois acha que os jovens da área bebem muito e gostam de procurar confusão.

Sobre a família Paulo afirma que sempre teve uma ótima relação com todos, desde o ocorrido tem apoio e se sente acolhido.

Sente-se injustiçado, diz não ter feito nada e ainda assim está preso há quatro anos juntamente com Renato.

Sujeito N° 7: Pedro

Pedro está preso há alguns meses por ter sido pego fazendo trafico de substância entorpecente. Diz que nunca tivera problemas com a justiça antes e se diz um rapaz calmo. Segundo ele, nunca pensou em estar preso por causa da droga, pois considera lança perfume uma substância fraca, embora seja ilícita.

Diz que só repassava a droga para ganhar dinheiro extra, mas que só vendia para amigos e pessoas conhecidas, não se considera um traficante, mas admite ter vendido uma boa quantidade da substância. Diz ainda que só fazia uso esporádico da droga que revendia e não fazia consumo de nenhuma outra droga ilícita.

Afirma ter tido uma reprovação no segundo grau, embora se considere estudioso. Segundo ele, a prática de esportes sempre foi algo significativo em sua vida, praticou judô por muitos anos, mas estava parado há alguns anos.

Relata que tinha consciência do risco que corria, pois é estudante de Direito, mas não considerava a hipótese de ser pego por este motivo. Se sente culpado em relação a família, diz que, de forma geral, tem uma boa relação com os pais, que são separados.

Sujeito N° 8: Luis

Luis relata que começou a fazer uso de substâncias entorpecentes ilícitas quando tinha 14 anos, começou fumando maconha com um grupo de amigos, mas não demorou para evoluir para outros tipos de drogas, além do álcool e do tabaco.

Luis afirma que chegou a ser dependente de drogas, mas diz que hoje em dia não se considera um dependente, apesar de fazer uso contínuo e diário de maconha. Além da maconha, Luis fuma cigarro, mas diz que não usa mais nenhum tipo de droga, mesmo mesmo álcool.

Relata que em casa sua relação com a mãe é muito boa, inclusive pode fazer uso da maconha na frente dela sem nenhum problema, mas com o pai a relação é diferente, Luis afirma que ou o pai não sabe ou finge que não sabe que ele a droga. Diz que quando ele tinha 17 anos o pai descobriu e a reação foi muito ruim, chegou a agredi-lo e disse que o colocaria para fora de casa se descobrisse que ele ainda estava usando drogas, depois disso Luis começou a utilizar vários tipos de droga mais fortes – alucinógenos, anfetaminas e até mesmo cocaína – mas por conta própria resolveu parar, mas continuou utilizando a maconha.

Defende com convicção e chega a comparar seu vício pela droga ao vício por chocolate, café, cigarro, enfim, não considera o uso da maconha como prejudicial e faz uso diariamente várias vezes.. Em relação a escola, nunca teve maiores problemas, passou por algumas dificuldade, mas diz nunca ter chegado a reprovar.

Sujeito N° 9: Gustavo

Gustavo conta que provou maconha pela primeira vez com os amigos na época em que fazia o segundo grau e desde então vem fazendo uso continuado da droga, afirma não ter passado para outras drogas e que chegou a passar uma temporada sem utilizar a droga, quando sua família – mãe e irmãos – descobriram e foram contra. Devido à pressão feita, principalmente pelos irmãos, pois tinha no irmão mais velho um modelo a ser seguido – estudioso, atleta, sem vícios e exemplo de comportamento – esse irmão chegou a passar uma temporada sem falar com Gustavo, até que ele parasse de usar a maconha.

Além da pressão dos irmãos, a mãe chorava e dizia que nunca imaginava que o filho seria capaz de usar drogas e, por vezes, ameaçava contar para o pai, que era muito repressor. Apesar das ameaças, o pai nunca ficou sabendo do fato. Gustavo chegou a passar quase dois anos sem consumir maconha, mas quando chegou na faculdade voltou a andar com outros usuários da droga e se convenceu de que usar maconha não o fazia tão mal quanto diziam.

Segundo ele, é o mais novo de dois irmãos e sempre teve uma boa relação com a família, tem uma mãe que o protege e um irmão que tem como ídolo. Sempre teve bom desempenho escolar, entrou na faculdade muito novo e desde então não interrompeu mais o uso da droga. Embora faça uso diário e contínuo de maconha, afirma que gosta de ser saudável, tem cuidado com a alimentação, não bebe, não faz uso de tabaco e faz esportes. Tem uma grande preocupação com o corpo e passa horas na academia diariamente.

Gustavo já assumiu perante a família que continua fazendo uso de maconha que afirma que não pretende parar porque gosta, mas ainda teme que o pai descubra, não quer dar essa decepção e teme sua reação.

Sujeito N° 10: Ricardo

Ricardo relata que teve contato com a maconha pela primeira vez quando tinha 16 anos e estava no segundo grau, foi com um grupo de amigos e amigas que se reuniram em uma tarde para provar a droga.

Depois disse Ricardo continuou fumando esporadicamente quando estava em grupo e tinha vontade, mas diz nunca ter sido viciado e nunca ter tido a necessidade de fazer uso da droga diariamente.

Diz que sua relação com os pais sempre foi muito boa e muito aberta, sempre teve espaço para diálogo com ele e seu irmão e afirma que ambos sempre foram orientados em relação ao consumo de drogas e outras questões relativas a adolescência. Seus pais ficaram sabendo que ele estava fazendo uso de maconha e sua reação foi de que, apesar de assustados, foram compreensivos e acreditaram na palavra de Ricardo, que disse para eles que só fumava ocasionalmente e quando tinha vontade. Relata que se sentiu respeitado quando eles acreditaram nele e isso foi muito importante, pois ele via reações muito diferentes dos pais dos amigos quando descobriam.

Ricardo afirma que nunca teve problemas na escola e que sempre praticou esportes, chegou a jogar tênis em competições, mas atualmente apenas dava aulas particulares. Diz ainda que desde que começou a namorar que não fuma maconha e não sente vontade, no entanto, relata que se em algum momento sentir vontade, usa sem medo algum. Além disso, não faz uso de tabaco e usa bebida alcoólica ocasionalmente.

